

## A LIGA DOS RUIVOS<sup>1</sup>

Certo dia de Outono do ano passado, ao visitar o meu amigo Sherlock Holmes, encontrei-o embrenhado numa conversa com um homem de idade, muito corpulento, de rosto vermelhusco e cabelo de um ruivo chamejante. Depois de pedir desculpa pela intromissão, preparava-me para bater em retirada quando Holmes me puxou abruptamente para o interior da sala e fechou a porta atrás de mim.

— Não podia ter aparecido em melhor altura, meu caro Watson — disse cordialmente.

— Receei que estivesse ocupado.

— E estou. Ocupadíssimo.

— Então eu posso esperar no quarto ao lado.

— Nem pensar. Este cavalheiro, Mr. Wilson, tem sido meu companheiro e ajudante em muitos dos meus casos mais bem sucedidos, e não tenho dúvidas de que também me irá ajudar imenso na resolução do seu problema.

O homem corpulento soergueu-se da sua poltrona e saudou-me com uma vénia, ao mesmo tempo que me remirava fugazmente com uma expressão tímida e interrogadora nos olhos pequenos e rodeados de papadas.

— Sente-se no canapé — disse Holmes, tornando a instalar-se no cadeirão e unindo as pontas dos dedos, como era seu hábito quando se entregava às suas reflexões. — Sei bem, meu caro Watson, que você partilha a minha paixão por tudo o que é bizarro, tudo o que foge às convenções e à rotina enfadonha da vida quotidiana. Já demonstrou o



«... Mr. Jabez Wilson ...»

seu gosto por essas matérias através do entusiasmo com que relatou e, perdoe-me dizer-lho, com que adornou ligeiramente tantas das minhas insignificantes aventuras.

— Os seus casos têm-me interessado imenso, é verdade — comentei.

— Recordar-se-á de que eu lhe fiz notar há alguns dias, pouco antes de termos começado a analisar o enigma muito simples colocado por Miss Mary Sutherland,<sup>2</sup> que, caso desejemos efeitos estranhos e combinações extraordinárias, os devemos procurar na vida real, que é sempre bem mais ousada do que qualquer esforço da imaginação.

— Ideia essa que eu tomei a liberdade de pôr em causa.

— Pois foi, caro doutor, mas, ainda assim, terá de concordar com o meu ponto de vista, caso contrário conti-

nuarei a bombardeá-lo com factos atrás de factos, até que o seu intelecto ceda ao peso dos meus argumentos e me dê razão. Ora bem, Mr. Jabez Wilson, aqui presente, teve a amabilidade de me vir visitar esta manhã e de encetar uma narrativa que promete ser das mais peculiares de quantas tenho ouvido nos últimos tempos. Já me ouviu comentar, caro Watson, que os factos mais estranhos e mais bizarros estão muitas vezes relacionados não com os crimes mais graves, mas sim com os de menor importância, e, ocasionalmente, até com situações em que ficamos na dúvida se terá sido mesmo cometido algum crime. Pelo que me foi dado perceber até ao momento, é-me impossível saber se o caso em questão envolve ou não uma qualquer actividade criminosa, mas o curso dos acontecimentos é, sem qualquer dúvida, dos mais peculiares que alguma vez me chegou aos ouvidos. Talvez, Mr. Wilson, nos pudesse fazer o grande favor de recomeçar a sua narrativa. Peço-lho não apenas porque aqui o meu amigo, Mr. Watson, não ouviu o prólogo, mas também porque, tratando-se de uma história tão peculiar, desejo ouvir dos seus lábios todos os pormenores possíveis. Por regra, assim que recebo uma vaga indicação do curso dos acontecimentos, consigo guiar-me pelos milhares de outros casos análogos que me acorrem à memória. No exemplo em questão, vejo-me obrigado a reconhecer que os factos, tanto quanto julgo saber, são únicos.

O obeso cliente espetou o peito para fora com uma expressão onde parecia transparecer um laivo de orgulho e, do bolso interior do sobretudo, tirou um jornal sujo e amachucado. Enquanto percorria com os olhos a coluna dos anúncios, com a cabeça projectada para diante e o jornal espalmado contra o joelho, eu aproveitei para o observar bem e, à maneira do meu companheiro, tentei decifrar os indícios que a sua indumentária e aparência poderiam conter.

Não ganhei grande coisa, todavia, com esse exame. O nosso visitante ostentava todos os traços de um vulgar comerciante britânico, gordo, afectado e lerdo. Vestia umas calças axadrezadas cinzentas, um tudo-nada largueironas,

uma sobrecasaca negra que não primava pelo asseio, desabotoada à frente, e um colete castanho-claro com uma grossa corrente de relógio cor de latão de onde pendia, à laia de enfeite, um quadrado de metal perfurado. Uma cartola puída e um sobretudo castanho de um tom desbotado, com gola de veludo franzido, encontravam-se pousados a seu lado, numa cadeira. No conjunto, por muito que olhasse, nada havia de notável naquele homem, à parte a cabeleira ruiva chamejante e a expressão de profunda contrariedade e desgosto que trazia estampada no rosto.

Sherlock Holmes, de olhar vivo, apercebeu-se dos meus esforços e abanou a cabeça com um sorriso ao reparar nas minhas expressões inquisidoras. — À parte os factos óbvios, ou seja, que este senhor exerceu durante algum tempo um trabalho manual, toma rapé, pertence à franco-maçonaria, esteve na China e tem escrito imenso nestes últimos tempos, não consigo deduzir mais nada.

Mr. Jabez Wilson deu um salto na poltrona, com o indicador pousado no jornal mas de olhos fitos no meu companheiro.

— Louvado seja Deus, mas como é que sabia isso tudo, Mr. Holmes? — perguntou. — Como é que sabia, por exemplo, que eu em tempos fiz trabalho manual? É absolutamente verdade, pois comecei a ganhar a vida num estaleiro naval como carpinteiro.

— As suas mãos, meu caro senhor. A sua mão direita é bem maior do que a esquerda. O senhor usou-a para trabalhar e os músculos estão mais desenvolvidos.

— Bom, então o rapé e a franco-maçonaria?

— Não vou insultar a sua inteligência explicando-lhe como é que cheguei a essa conclusão, sobretudo porque, contrariando em certa medida as regras rigorosas da sua irmandade, o senhor usa um alfinete de gravata representando um esquadro e um compasso.

— Ah, é claro, tinha-me esquecido disso. Então e a escrita?

— Que outra coisa poderá indicar esse seu canhão da manga direita tão luzidio numa extensão de cinco pole-

gadas e a manga esquerda mais puída perto do cotovelo, no ponto em que apoia o braço na escrivaninha?

— Bom, mas a China...?

— O peixe que o senhor tem tatuado imediatamente acima do pulso esquerdo só poderia ter sido feito na China. Levei a cabo um pequeno estudo sobre tatuagens e cheguei até a contribuir para a literatura acerca do tema. Esse processo de tingir as escamas do peixe de um tom delicado de cor-de-rosa é muito característico da China. Quando, além disso, vejo uma moeda chinesa a pender-lhe da corrente do relógio, o assunto torna-se ainda mais simples.

Mr. Jabez Wilson soltou gargalhadas tonitruantes. — Homessa, quem diria! — exclamou. — A princípio julguei que tinha sido um rasgo de inteligência da sua parte, mas agora percebo que, afinal de contas, não foi nada de especial.

— Começo a achar, Watson — disse Holmes —, que faço mal em explicar os meus raciocínios. “Omne ignotum pro magnifico”,<sup>3</sup> sabe, e a minha pobre reputação, já de si modesta, sofrerá um enorme rombo se eu me continuar a mostrar tão ingênuo. Não consegue encontrar o anúncio, Mr. Wilson?

— Sim, já o encontrei — respondeu ele, com o dedo grosso e vermelhusco espetado a meio da coluna. — Cá está. Eis o que desencadeou toda esta história. Leia o senhor mesmo, se faz favor.

Recebi o jornal das mãos dele e li o seguinte:

#### LIGA DOS RUIVOS

*De acordo com o disposto no testamento do falecido Ezekiah Hopkins, de Lebanon, na Pensilvânia, E.U.A., há agora uma nova vaga em aberto que habilita um dos membros desta Liga a um salário de quatro libras por semana em troca de serviços puramente simbólicos. Poderão candidatar-se todos os homens ruivos, são de corpo e de espírito, e maiores de vinte e um anos. Apresente-se em pessoa na próxima segunda-feira, às onze horas da manhã, a Duncan Ross, na sede da Liga, no número 7 de Pope's Court, Fleet Street.*